

A lenda da lenda de Ymembuy

Orlando Fonseca*

Embora esteja consolidada, culturalmente, a origem lendária da cidade de Santa Maria, num espaço denominado pelos indígenas como Ybitory-retan – terra da alegria na língua tupi-guarani, associada ainda à figura mitificada da índia Ymembuy e sua ligação com o guerreiro branco Rodrigo – depois Morotin, não se tem ao certo a sua configuração no folclore da região centro do Estado. Dentre as obras que recolhem narrativas lendárias do Rio grande do Sul, como as de Simões Lopes Neto e Dante Laytano, não há menção a um episódio com as características do drama da índia Ymembuy. O primeiro registro de sua existência, que se tem conhecimento, é justamente um conto, uma obra ficcional criada pelo escritor santa-mariense Cezimbra Jacques, publicada em seu livro *Assuntos do Rio Grande do Sul*, publicado em 1912. Segundo o testemunho do pesquisador Getúlio Schilling, em sua obra *Cezimbra Jacques, o precursor*, a história de Ymembuy não preexiste ao texto do escritor santa-mariense. Aliás, na obra deste autor, a narrativa que tem o título Ymembuy, vem acompanhada, entre parênteses, da observação (conto indígena); precedendo o texto uma “Advertência”, em que assinala o aspecto ficcional do seu empreendimento literário. Como este texto veio a se tornar lenda é uma página um tanto nebulosa da história da cultura em Santa Maria.

É a partir do texto de João Belém, *História do Município de Santa Maria – 1797-1933*, publicado em 1933, que se afirma a origem lendária desta cidade, tomando-se como referência o que então é chamado Lenda de Ymembuy. Embora o historiador não aponte registros históricos para confirmar sua apresentação, contrariando a sua própria pesquisa que aponta o acampamento da expedição demarcadora a origem do povoamento. Mais tarde, outro historiador, Romeu Beltrão, ao apresentar sua obra sobre o registro histórico da cidade, não indica Ymembuy como uma lenda sobre a origem da povoação. A rigor o texto de João Belém seria o documento

* UFSM.

historiográfico que assegura a existência da lenda, contudo, persiste a evidência do fato de que, antecedendo o seu trabalho, está o conto de Cezimbra Jaques, o qual não figura nas referências de João Belém, ainda que a narrativa deste último mantenha parentescos evidentes com o conto original.

Como se pode observar, persiste nesta trama histórica, um instigante material de pesquisa, uma vez que, ao contrário do que ocorre em outras culturas, nas quais o mito antecede a produção literária, ao que tudo indica, temos aqui uma produção ficcional na origem de um mito, na acepção que lhe confere Mircea Eliade.¹ Apesar do caráter duvidoso de sua origem, não resta dúvida a nenhum morador de Santa Maria que Ymembuy representa uma força agregadora de identidade, envolvida no mistério imemorial da origem da cidade, e confunde-se com uma mitificação de um passado primordial, a rigor, não existente. Por isso talvez é que, embora a personagem esteja cercada de afeto e de respeito dos cidadãos santa-marienses, o seu criador não mereça o mesmo tratamento: não há um lugar público ou instituição cultural com o nome de Cezimbra Jaques, nenhum busto com qualquer referência à sua contribuição não apenas à sua cidade, mas principalmente ao Estado do Rio Grande do Sul, e os seus restos mortais estão enterrados sem qualquer homenagem no Rio de Janeiro, apesar de seu desejo expresso de ser sepultado em seu Estado natal. Como Cezimbra Jaques tornou-se o patrono do Movimento Tradicionalista Gaúcho, escolhido no V Congresso do MTG que decidia entre o nome dele e de João Simões Lopes Neto, é cultuado pelos tradicionalistas. Inclusive no ano de 1998 comemorou-se o centenário da formação do primeiro Grêmio Gaúcho, embrião do atual Centro de Tradições Gaúchas – CTG. A rigor, apenas neste segmento é que se preserva o nome do escritor, respeitado como autor dedicado às tradições e aos costumes rio-grandenses. O que se explica no sentido de que uma “lenda” não pode ter um autor identificado, sob o risco de se descaracterizar como tal; por definição as narrativas lendárias surgem da elaboração coletiva sem precisão temporal, não de uma criação individual e datada. É provável que fatos políticos ou particulares tenham jogado o autor no ostracismo, ao menos em sua cidade natal, nos anos que se seguiram à publicação de sua obra em 1912, a tal ponto que, já em 1933, quando João Belém produziu a sua obra, não se tivesse mais a evidência autoral da narrativa de Ymembuy, fato um tanto duvidoso, mas possível.

¹ ELIADE, Mircea, *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

Como já se mencionou, Cezimbra Jaques não esconde o caráter ficcional de sua obra, indicando-a, na apresentação, como “singelo conto da Ymembuy”, ainda que a cerque de elementos historiográficos e dados culturais da vida dos índios e da língua guarani: “somos os primeiros a reconhecer que não dispomos de nenhuma aptidão literária, apresentando este tosco trabalho, sem cogitar de dar-lhe beleza de forma e sim da utilidade que ele possa oferecer, com informações reais colocadas ao lado da fantasia”.² As referências contextuais e históricas servem como elementos de apoio ao texto ficcional, não como matéria de sustentação do mesmo.

Anterior a esse trabalho literário, segundo levantamento empírico já feito por pessoas interessadas no assunto,³ não existe qualquer referência a uma possível lenda indígena com as características criadas por Cezimbra Jaques. Também não há registro da presença folclórica e popular do nome Ymembuy. Desse modo, e a bem da verdade, o mito não preexiste à construção ficcional, ou seja, o escritor não recolheu da cultura popular a sua referência para a criação literária. Ao contrário, via legitimação da autoridade do historiador citado, a ficção virou lenda e se estabilizou na história da cidade como tal. Como o próprio autor indica, há um propósito nacionalista que o acompanha no projeto: “animado do patriótico desejo de quem aspira despertar nos componentes a iniciativa da formação de uma literatura do nosso caro torrão Sul-Rio-Grandense, com elementos puramente genuínos”. Isso nos remete ao projeto romântico, especialmente o de José de Alencar, o qual, com sua narrativa indianista, pretendia dar curso ao projeto de criar uma literatura genuinamente brasileira, a partir dos elementos do Novo Mundo americano. Por similaridade temática, a relação de uma índia, filha do chefe da tribo, com o homem branco colonizador ou explorador, é possível aproximar as personagens Ymembuy, de Cezimbra Jaques, e Iracema, de Alencar.

No seu conhecido prefácio de *Sonhos d'ouro*, o autor se refere a uma divisão de trabalho em três etapas, em que a obra *Iracema* estaria ligada a um processo de recriação de um Brasil lendário, e a tematização recorre aos mitos de origem, envolvendo o encontro do índio com o branco europeu, melhor solução para a criação de uma raça superior em terras brasileiras. Segundo estudos críticos,

² JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 101.

³ Cf. estudo realizado pelo pesquisador autodidata, Francisco Vandir de Souza (Chico Sosa), publicada em artigos do jornal *A Razão* (4 e 5 jan. 1992) e do jornal *Cidade Imprensa* (10 a 16 out. 1997).

Alencar sofreu a influência dos autores Fenimore Cooper, americano, e Chateaubriand, romancista francês. No caso do primeiro, destacam-se as novelas sobre os índios, especialmente os moicanos, e quanto a Chateaubriand pelos romances *Atala* e *René*, que retratam dramas vividos entre europeus e índios americanos. No caso do texto de *Atala*, uma jovem filha de um aristocrata espanhol com uma índia convertida, que vive um drama por sua herança birracial, tendo optado por viver entre os índios, mas sem se envolver com o mundo natural e sensual que a cerca, em parte por seu contato com a civilização branca e em parte porque sua mãe fizera uma promessa à Virgem Maria que a sua filha iria se manter virgem, conflito que acaba por levá-la ao suicídio, na tentativa de salvar um prisioneiro, sendo o seu corpo queimado. Estudos recentes apontam uma relação de mão dupla entre as narrativas do século XIX nos EUA que recuperam o mito de *Pocahontas*, que é, seguramente, o primeiro episódio envolvendo a relação entre uma índia e um homem branco europeu, poder-se-ia dizer a proto-imagem da miscigenação e das representações do conflito que daí advém, e a obra de Chateaubriand, pois há o registro da tradução do texto de John Smith, o soldado inglês liberto pela índia, que circulou na Europa na segunda metade do século XVII, tendo gerado o aparecimento de várias outras narrativas com o mesmo enredo.⁴ Nesse sentido é que se busca uma similaridade de enfoque entre os textos de Alencar, Cezimbra Jacques e o mito de *Pocahontas*, com o propósito de estabelecer uma "anterioridade" no caso da composição de *Ymembuy*, já que, a ser confirmada pela pesquisa, a inexistência de dados históricos ou representação folclórica e popular implica um procedimento de criação ficcional, cujos elementos se aproximam dos textos e autores referidos, não no sentido de uma apropriação, porque, embora haja semelhanças, persistem as diferenças, mas de uma orientação de trabalho: já havia precedentes literários, que de alguma forma superam, para a pesquisa atual, a ausência de elementos historicamente legitimadores de uma realidade.

No caso de *Pocahontas*, a narrativa originária que remete a eventos de 1607, foi apresentada por John Smith, o inglês que foi capturado pelos índios da nação do Chefe Powhatan e condenado à morte. No momento da execução, em que a sua cabeça seria decapada numa pedra, aparece uma indiazinha, de 12 anos, e se oferece diante de seu pai para morrer com o prisioneiro, o que acaba

⁴ Cf. TILTON, Robert S. *Pocahontas – the evolution of an american narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 58-63.

por salvá-lo da morte. Não se tem ao certo se, por iniciativa da própria *Pocahontas*, ou por fazer de um ritual, uma vez que a apresentação do episódio é o ponto de vista do soldado inglês, mas o certo é que John Smith, em razão de seu "salvamento" se tornou filho adotivo do Chefe Powhatan, e não escravo, e assim se tornou amigo de *Pocahontas*, servindo essa amizade para o bom relacionamento entre os índios e os soldados do forte Jamestown, origem do povoamento do estado da Virgínia. Mais tarde *Pocahontas* casou com John Rolfe, depois de ser batizada e receber o nome de Rebecca, teve um filho, e foi visitar a Inglaterra, onde veio a morrer. Está sepultada lá, portanto. Algumas narrativas do século XIX apontam o relacionamento afetivo e sexual de *Pocahontas* com o próprio John Smith, o que é rejeitado como fundamento de uma origem "digna" para os descendentes desta mistura de raças, até mesmo pelo caráter aventureiro e pouco nobre de Smith.

Em *Iracema*, a lenda do Ceará, temos a história de uma índia da tribo dos tabajaras, descrita como "a virgem dos lábios de mel e os cabelos mais pretos que a asa da graúna", a qual, ao ver Martim, um guerreiro branco como as "areias que bordam o mar", fere-o no rosto com uma flecha. Logo em seguida, arrependida do seu ato, quebra a flecha, em sinal de paz e salva-o, levando-o para a taba de seu pai, onde ele é bem recebido e demonstra ter um bom conhecimento dos índios. *Iracema* e Martim se apaixonam, apesar deste ter uma noiva lhe esperando e de a índia ter o voto de castidade em razão de ser a filha do chefe, encarregada de manter o poder da tribo. Vencendo as resistências de todos, especialmente do irmão, Caubi, *Iracema* e Martim fogem com a ajuda de Poti, um índio potiguara, inimigo dos tabajaras. Eles se estabelecem perto do mar e vivem felizes por algum tempo. Um dia *Iracema* anuncia que espera um filho; Martim sai para a guerra e volta. Alguns meses depois deprimido manifesta a sua saudade da terra natal, o que entristece involuntariamente *Iracema*. Enquanto ele e Poti lutam mais uma guerra, *Iracema* dá à luz Moacir – filho da dor – e é visitada por seu irmão Caubi que reata as relações com ela. Quando Martim e Poti voltam, *Iracema* morre e Moacir fica aos cuidados de Martim. Como lenda de origem, Alencar produz com Moacir o retrato do primeiro habitante do Ceará.

Ymembuy é uma jovem índia da tribo dos Minuanos, filha do chefe Japacany e de sua esposa Ibotiquintã, que deu à luz dentro das águas do Arroio Taimbé, por isso o seu nome, que em guarany quer dizer "filha da água". Em um confronto com bandeirantes em busca de índios para escravizar, os Tapes e os Minuanos unidos dizimaram os invasores, e fizeram dois prisioneiros: um, o mais

velho, foi solto a fim de voltar e contar aos de sua nação o que os índios fariam com aqueles que viessem fazer escravos entre eles. O mais novo foi condenado à morte. Ymembuy se apaixonou pelo jovem Rodrigo, e rogou por ele diante de seu pai, no que foi atendida. Os dois casaram, Rodrigo passou a se chamar Morotin, tiveram um filho que levaram para ser batizado em São Miguel das Missões, depois de se terem casado nos ritos da tradição cristã.

Cumprir realizar uma comparação entre essas narrativas que envolva, além dos elementos da narrativa, as implicações históricas e ideológicas. Sendo um mito originário, a personagem Pocahontas comporta no contexto da América do Norte as primeiras referências do choque das culturas indígena e européia, aos primeiros dados a respeito da miscigenação, por muitos rejeitada, a ponto de ir ganhando contornos de lenda os diferentes pontos de vista que se aplicam às questões da sexualidade, da religião, da cultura e da formação étnica, com o privilégio e a supremacia da cultura branca, protestante, européia. Em Iracema temos a valorização de uma origem étnica do povo brasileiro resultante do encontro do europeu e do indígena, sendo que a cultura desse último sucumbe, Iracema morre, dando lugar à proliferação do poder da civilização branca e da religião católica. Além disso, figurando o índio e o europeu como inauguradores da raça, ficaria o negro à margem do processo de constituição da identidade nacional. Esses dados podem ser verificados no texto de Cezimbra Jacques, em que o branco impõe, finalmente, a sua cultura, legitimando a origem da povoação em seu filho, batizado no rito cristão. Esses elementos deverão servir para a análise que se empreenderá no desenvolvimento da pesquisa.

É comum se observar que, em nossa cidade (Santa Maria), a memória das gentes e da vida cultural são relegadas ao descaso e ao desconhecimento. Desse modo é que, um autor importante por – muito provavelmente – ser o primeiro escritor santa-mariense a ter uma obra publicada,³ ser um dos fundadores da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, ocupando a cadeira 19 e ainda por ser o precursor do movimento tradicionalista, com a criação do primeiro grêmio gaúcho, matriz do que se conhece hoje como CTG, e acima de tudo por ser o autor de uma obra que dá origem a uma personagem que o afeto transformou em identidade, não é lembrado como uma figura histórica, uma vez que não há monumentos, indicações de logradouros públicos em Santa Maria, seus

³ Sua obra *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*, publicado em 1883, é o primeiro registro de uma publicação de escritor santa-mariense, segundo Getúlio Schilling.

restos mortais, contrariando sua vontade expressa, encontram-se em uma vala comum no Rio de Janeiro, onde faleceu em 27 de julho de 1922. Embora no Estado do RS todo seja venerado como o patrono do CTG, numa disputa, entre os tradicionalistas, que envolveu o nome de outro escritor ilustre, o pelotense João Simões Lopes Neto, em Santa Maria não se reserva o mesmo respeito para com um de seus filhos ilustres.

Com o fim de resgatar a obra deste escritor santa-mariense e também com a finalidade de valorizar como produção literária a origem de Ymembuy, é que se está desenvolvendo este projeto, integrante de um projeto mais amplo, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Literatura e História do Mestrado em Letras da UFSM, que pretende resgatar as obras de autores santa-marienses, fazer um mapeamento da produção literária da cidade, e tanto quanto possível constituir acervos e reedições de obras importantes. Como é o caso da publicação de *Costumes do Rio Grande*, de Cezimbra Jacques, programada para novembro, quando se comemoram os 150 anos de nascimento do autor.

Com a investigação a que se propõe neste projeto, através da consulta a publicações de periódicos – jornais e revistas –, livros e documentos históricos, busca-se resgatar o caráter literário originário do mito e de sua legitimação pela historiografia local que acabou por lhe conferir o status de lenda que goza até o presente. Embora já existam pesquisas que abordem a questão, não há um ensaio com pesquisa e documentação científica a respeito do assunto. Não há, aqui, a princípio, a intenção de desmerecer o caráter de “mito” que a personagem Ymembuy goza hoje na cultura popular de Santa Maria, apenas a preocupação em reposicionar a sua origem, no intuito de valorizar uma produção intelectual e artística de um autor local esquecido pelo registro oficial e pela academia. A pesquisa se justifica no sentido de reunir elementos e documentação para que se dê a devida publicidade a um fato tornado irrelevante pela historiografia oficial.

Em virtude da dificuldade em se fazer um levantamento através do método da história oral, o que estaria adequado ao objetivo de estabelecer uma relação com a origem popular do “mito” em questão, a pesquisa será basicamente de consulta a fontes documentais de época, jornais e revistas do final do século passado até 1912, data da publicação da obra com o conto *Ymembuy*, além da consulta a obras de ensaio e registros históricos, referentes a costumes, crenças e dados culturais em geral do Rio Grande do Sul no mesmo período. Ao mesmo tempo que será efetivado uma análise literária do próprio texto do escritor Cezimbra Jacques, de mo-

do a estabelecer um estudo comparativo com os outros textos do mesmo teor, de modo a levantar até que ponto possam, de alguma forma, ter influenciado a sua produção.

Referências bibliográficas

- BELÉM, João. *História do município de Santa Maria - 1797-1933*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1989.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- . *Notícia do Rio Grande - literatura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994.
- FRITZ, Jean. *The double life of Pocahontas*. New York: Puffin Books, 1987.
- JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- . *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1979.
- LESSA, Barbosa; CÔRTEZ, Paixão. *Danças e contradanças da tradição gaúcha*. Porto Alegre: Garatuja, 1975.
- REVERBEL, Carlos. *O gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- RIBEIRO, Nely. *O jornal em Santa Maria 1883-1992*. Santa Maria, 1992.
- SCHILLING, Getúlio. *Cezimbra Jacques, o precursor*. Porto Alegre: Fundação Instituto de Tradição e Folclore/Santa Maria: UFSM/Prefeitura Municipal, 1986.
- TILTON, Robert S. *Pocahontas - the evolution of na american narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- . *A terra em que nasceste - imagens do Brasil na literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.